

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO E LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO
NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

LEIDICLERE DANTAS DE ABREU

**CAJAZEIRAS – PB
DEZEMBRO - 2010**

LEIDICLERE DANTAS DE ABREU

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO NO
PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Monografia apresentada a disciplina de
Estágio Supervisionado em Docência do
Curso de pedagogia, da Unidade
Acadêmica de Educação, do Centro de
Formação de Professores, na
Universidade Federal de Campina
Grande como exigência parcial para
conclusão de curso.

Orientadora: Prof^a. Ms Débia Suênia da Silva Sousa

CAJAZEIRAS – PB
DEZEMBRO – 2010



A162c Abreu, Leidiclere Dantas de.
As contribuições da psicologia do desenvolvimento no processo de aprendizagem / Leidiclere Dantas de Abreu. - Cajazeiras, 2010.
45f. : il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2010.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Psicologia do desenvolvimento. 2. Teoria do desenvolvimento cognitivo. 3. Aprendizagem-fatores e processos psicológicos. I. Sousa, Débia Suênia da Silva. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 159.922

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por ser o doador da vida e da saúde, pela oportunidade da evolução espiritual que me concede a cada amanhecer através da superação e pelo aprendizado constante em busca do crescimento pessoal.

Aos meus pais, Francisco e Cândida, que me mostraram desde pequena, o bom caminho para vida e sempre incentivaram a realização dos meus estudos. Amo vocês!

Aos meus irmãos, Leidjânia e Júnior, pela paciência que tiveram quando, muitas vezes estressada pela correria do curso fui chata e ignorante. Agradeço pela compreensão.

À Ivanilda, pessoa admirável, um exemplo de compreensão e amizade! Amiga de todas as horas, companheira, minha “patroazinha” e segunda mãe, a quem devo muito, por esse momento de grande conquista e aprendizado em minha vida. Muito obrigada!

Ao meu namorado, Victor Hugo, que sempre com palavras de incentivo e de carinho me acalmou, quando em alguns momentos me sentia angustiada. Obrigada pela compreensão.

À minha incentivadora Carla Kalline, que em muitos momentos, mesmo distante, fez-se presente em minhas reflexões, com mensagens de força e otimismo que me impulsionaram a lutar para a concretização dos meus sonhos! Obrigada, amiga, pela amizade verdadeira.

À minha amiga, Marley Cristina, que em virtude da sua experiência em sala de aula, abriu caminhos tanto com palavras de incentivo quanto com o auxílio de materiais que foram úteis na realização do Estágio Supervisionado em Docência. Obrigada pela valiosa ajuda!

As minhas amigas, Luana e Rosa Maria, pelos momentos de distração e companheirismo que compartilhamos juntas. São sempre bem vindas e importantes as palavras de entusiasmo.

As minhas amigas de graduação, Francineide, Jucielly, Michelle, Miqueline e Thayane, pelos momentos que passamos juntas, compartilhando alegrias, tristezas, sucessos, desânimos enfim, por vocês fazerem parte da minha vida hoje e sempre.

À minha orientadora, Prof^ª. Ms. Débia Suênia da Silva Sousa, por seus conhecimentos e experiência, por seu incansável trabalho em tornar minhas idéias mais claras e objetivas e ainda pela paciência nos momentos de que mais precisei. Agradeço-lhe pelo aprendizado!

A Prof^ª. Maria Orlany de Abreu Carolino, pela revisão gramatical desta monografia.

A todos que direto ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

O excelente mestre não é o que mais sabe,
mas o que mais tem consciência do quanto
não sabe. Não é o viciado em ensinar, mas
o mais ávido em aprender.

Augusto Cury

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo discutir as contribuições da psicologia do desenvolvimento no processo de aprendizagem, tomando como base a Teoria do Desenvolvimento Cognitivo desenvolvida por Jean Piaget que ressalta a gênese da inteligência humana. Para tanto, este não abrange um resumo da vasta obra deste autor, mas sim, fatores considerados necessários à construção e desenvolvimento da aprendizagem decorrentes do processo intelectual dos educandos no contexto da sala de aula. Na metodologia contou-se com a pesquisa de campo e a pesquisa explicativa através de uma abordagem qualitativa dos dados. Recorreu-se também a outras fontes documentais de pesquisa, como as memórias e narrativas, construídas durante o desenvolvimento deste. Como lócus de conhecimento com vistas à aproximação da realidade analisada, pode-se acrescentar que as experiências vivenciadas nesse período possibilitaram, em meio aos resultados obtidos, a constatação dos estudos de Piaget, sobre a variação das habilidades e competências do sujeito em determinado momento de evolução do pensamento humano, ao tratar neste caso, das dificuldades apresentadas por alguns alunos à resolução das atividades propostas na sala de aula, como possibilitou, em meio a esses problemas de aprendizagem, melhorias na elaboração de novas estratégias e subsídios à realização de aulas mais dinâmicas e atraentes, estas pautadas pela relação efetiva entre a teoria e prática desenvolvida no contexto escolar. Concluiu-se assim, a importância do conhecimento prévio do educador com relação à capacidade de pensar e conhecer da criança, considerando as diversidades de aspectos que marcam o ritmo de desenvolvimento e aprendizagem, mediante a elaboração e realização de certas atividades desenvolvidas pelos professores na sala de aula, o que nos propõe refletir, de forma mais intensa, sobre a construção do conhecimento epistemológico, em meio ao processo de construção e reconstrução do conhecimento que define o sujeito enquanto ser ativo e participante do seu processo de desenvolvimento intelectual.

Palavras-chave: Teoria do Desenvolvimento Cognitivo. Aprendizagem. Sala de aula.

ABSTRACT

This study aimed to discuss the contributions of developmental psychology in the learning process, based on the Theory of Cognitive Development Jean Piaget developed by underscoring the genesis of human intelligence. Therefore, this does not include a summary of the extensive work of this author, but rather factors considered necessary to build and develop the learning from the process of the students in the intellectual context of the classroom. In the methodology counted on the field survey and explanatory research through a qualitative approach. It also appealed to other sources of documentary research, such as memories and narratives, built during its development. As a locus of knowledge with the intention of bringing of reality, one might add that the experiences during this period allowed, amid the results, the findings of Piaget's studies on the variation of skills and competencies of the subject at some point in evolution of human thought, dealing with this case, the difficulties presented by some students to the resolution of the proposed activities in the classroom as possible, in the midst of these learning problems, improvements in the development of new strategies and subsidies for conducting classes more dynamic and engaging, guided by these effective relationship between theory and practice developed in the school context. It was thus concluded, the importance of prior knowledge of educators concerning the ability to think and know the child, considering the diversity of aspects that set the pace of development and learning by developing and carrying out certain activities developed by teachers in the room classroom, we propose reflect more fully on epistemological knowledge building, through the process of construction and reconstruction of knowledge that defines the subject as being active and participating in the process of intellectual development.

Keywords: Theory of Cognitive Development. Learning. Classroom.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- FOTOGRAFIA 1** - Confeção de quebra cabeças com personagens do folclore brasileiro...34
- FOTOGRAFIA 2** – Amostra da dificuldade do aluno para escrever.....37
- FOTOGRAFIA 3** – Atividade (jogo da memória) realizada durante gincana educativa.....39
- FOTOGRAFIA 4** – Mostra da Árvore do Conhecimento trabalhada durante as aulas.....40
- FOTOGRAFIA 5** – Registros escritos pelos alunos a partir dos conteúdos trabalhados.....41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I - PERCURSO METODOLÓGICO.....	11
1.1 Sujeitos e local da pesquisa.....	12
1.2 Instrumentos de coletas de dados.....	12
1.3 Tipo de pesquisa.....	13
1.4 Abordagem da pesquisa.....	13
1.5 O Portifólio e o Diário de Campo: Fontes documentais construídas no Estágio Supervisionado em Docência.....	13
CAPÍTULO II - A PSICOGÊNESE DOS CONHECIMENTOS	15
2.1 Jean Piaget: a Epistemologia Genética.....	16
2.2 A construção do conhecimento epistemológico.....	18
2.3 O processo de equilibração, desenvolvimento e aprendizagem.....	19
CAPÍTULO III - REPRESENTAÇÃO DA APRENDIZAGEM: FATORES E PROCESSOS PSICOLÓGICOS DE UMA REALIDADE ESCOLAR.....	22
3.1 O processo de aprender e conhecer da criança.....	23
3.2 Nível de desenvolvimento e capacidades de aprendizagem.....	25
3.3 Relação professor-aluno.....	26
CAPÍTULO IV - REFLEXÕES ENTRE O ESCRITO E O VIVIDO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.....	29
4.1 Uma leitura reflexiva sobre a importância do Estágio Supervisionado em Docência.....	30
4.2 Vivências e experiências do Estágio Supervisionado em Docência.....	31
4.2.1 A construção do conhecimento e a avaliação da aprendizagem escolar, permeadas pela interação e diálogo em sala de aula.....	33
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS.....	44

INTRODUÇÃO

Este estudo direcionará um olhar sobre “As contribuições da psicologia do desenvolvimento no processo de aprendizagem” para proporcionar à escola e, em especial ao educador, novos conceitos sobre a construção do conhecimento cognitivo, do pensar e conhecer da criança, a partir do nível de compreensão de cada uma, como forma de valorização, enquanto ser ativo e participante do seu processo de desenvolvimento.

O mesmo tem como objetivo analisar o nível de compreensão da criança no contexto da aula, bem como a capacidade da criança de se desenvolver mediante as atividades trabalhadas na sala de aula, investigando a relação professor-aluno nesse contexto escolar. Ambos contribuirão para um melhor esclarecimento das dificuldades de aprendizado e das relações interpessoais existentes no ambiente escolar a ser analisado.

Este estudo se desenvolverá a luz da teoria Epistemológica Genética de Jean Piaget, mediante sua reflexão sobre a gênese da inteligência humana, proposta em seu vasto campo de pesquisas. A partir destas reflexões, a opção é trabalhar com a problemática: Será que as atividades desenvolvidas na sala de aula favorecem, ou não, o processo de aprendizagem do educando?

Elaboração do estudo

O motivo da escolha desse tema para a realização do estudo, relaciona-se com as primeiras experiências adquiridas na disciplina de prática I, no período 2009.1. Na oportunidade foi realizada a caracterização de uma escola, a escolher, da rede pública desta cidade, com o intuito de conhecer aspectos do funcionamento da instituição, desde a quantidade de aluno e funcionários, condições financeiras, métodos de ensino, técnicas de avaliação, como também os principais problemas que ocorrem na instituição escolar analisada. A instituição escolhida para essa caracterização foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Desembargador Boto, localizada na Rua Higino Tavares, Cajazeiras-Paraíba. Na mesma foram constatados problemas que desviam o progresso educacional de seus educandos. Nesse sentido, partindo da hipótese de que o professor não está preparado para atender a diversidade de aspectos que marcam o ritmo de desenvolvimento e a aprendizagem

de seus educandos, surgiu a necessidade de ampliar os conhecimentos relacionados à capacidade de pensar e de conhecer das crianças dentro do espaço escolar.

Vida Acadêmica

Como graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia, tenho a oportunidade de cursar disciplinas bem interessantes e que chamam a atenção de estudantes que desejam aprofundar conhecimentos sobre o processo de aprendizagem na escola. Dentre estas disciplinas destaca-se a Psicologia que dá suporte teórico e experimental a qualquer reflexão que se deseje realizar no campo educacional. Por essas razões, ao longo da vida acadêmica, pude perceber a influência que o ambiente escolar traz à aprendizagem dos alunos, bem como as contribuições que a Psicologia oferece, quando se quer aprofundar a relação entre professor e aluno no processo de crescimento social. Daí, a escola da temática para este estudo está associada, de certa forma, a minha admiração pela psicologia.

Portanto, destaca-se a importância de um espaço escolar que estabeleça a construção do conhecimento como seu objetivo principal, enquanto ambiente de ampla reflexão, favorecedor do desenvolvimento cognitivo do educando, no qual o professor está consciente do seu papel de educador, não como mero transmissor de conhecimentos, mas sim, como mediador. As atividades realizadas na sala de aula, os conteúdos selecionados, os métodos de trabalho, dão oportunidades de aprendizagem aos educandos, considerando o nível de compreensão de cada um, respeitando suas capacidades de desenvolvimento.

Estrutura da monografia

Em sua estrutura a monografia está definida em quatro capítulos, seguidos da conclusão e das referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, aborda-se o percurso metodológico acerca do local e sujeitos da pesquisa, dos recursos e instrumentos de coletas de dados utilizados, sobre o tipo de pesquisa definida para este estudo e sua abordagem, como também a utilização de fontes teóricas construídas durante o Estágio Supervisionado em Docência.

No segundo capítulo, enfocam-se as concepções de Piaget sobre a aprendizagem, explorando os conceitos biológicos básicos que explicam a construção do conhecimento epistemológico.

No terceiro capítulo, apontam-se situações de representação da aprendizagem, mediante a análise de dados, visando compreender a partir do posicionamento dos alunos, alguns fatores e processos psicológicos que justificam o nível de desenvolvimento, de capacidades e dificuldades apresentadas pelos mesmos no contexto da aula. Percebe-se também a necessidade de reflexões mais profundas sobre a importância da interação professor e aluno no âmbito escolar.

No quarto e último capítulo, abordam-se algumas reflexões que permitem perceber a importância do Estágio Supervisionado na formação acadêmica no Curso de Pedagogia. Para tanto, busca-se nas experiências vivenciadas durante o processo formativo, a fundamentação para dinâmica entre teoria e prática na formação efetiva do profissional enquanto possibilitador de conhecimentos.

CAPÍTULO I

1. PERCURSO METODOLÓGICO

Neste capítulo, abordam-se aspectos importantes empregados no decorrer desse estudo, na perspectiva de construir o percurso metodológico mais apropriado para o bom desenvolvimento. Explicitam-se os sujeitos e local da pesquisa, em seguida os instrumentos de coleta de dados, métodos e recursos acerca do local e sujeitos da pesquisa, do tipo de pesquisa realizada, posteriormente sobre o tipo de abordagem mediante a coleta de dados e por último sobre o Portfólio e o Diário de Campo como fontes de pesquisa construídas durante o Estágio Supervisionado em Docência.

1.1 Sujeitos e local da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida através de uma entrevista realizada com alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental Desembargador Boto, localizada na Rua: Higino Tavares, Centro, Cajazeiras-Paraíba. Foram entrevistados 10 alunos, os quais representaram uma amostra de 10% do total de trinta alunos de uma sala de aula do 3º ano, do ensino fundamental. Estes, por sua vez, são classificados como os sujeitos desta pesquisa, o alvo principal a ser analisado. Como afirma Gonsalves, “Os sujeitos da pesquisa se referem ao universo populacional que você privilegiará, às pessoas que fazem parte do fenômeno que você pretende desvelar” (2001, p.70).

1.2 Instrumentos de coleta de dados

Os procedimentos operacionais de coleta de dados foram, a observação e a entrevista semi-estruturada, ambas de fundamental importância para a prática deste estudo.

A observação, segundo Severino (2002) “É todo procedimento que permite acesso aos fenômenos estudados” (p.125). Esta nos possibilitará uma visão mais detalhada do espaço escolhido para a realização deste estudo.

A entrevista semi-estruturada possibilitará um contato maior do entrevistador com o entrevistado, sendo que o entrevistador não deve influenciar no discurso do entrevistado. Novas perguntas podem ser formuladas a partir da resposta do entrevistado, nesse caso, o aluno. Assim, “Essa é uma entrevista mais aberta que a estruturada, o que possibilita maior flexibilidade nas respostas e a obtenção de falas que podem enriquecer ainda mais a temática abordada” (MATOS, 2002, p. 63).

Num segundo momento, ao retornar ao local da pesquisa, foram realizados procedimentos de coletas de dados, desenvolvidos através de observações a realidade escolar e a própria sala de aula, como também de entrevistas formuladas ao professor e aos alunos, os quais nos possibilitaram um melhor esclarecimento sobre o processo de ensino e aprendizagem mediante as práticas desenvolvidas pelos professores e o desempenho dos alunos no processo de construção do conhecimento. A opção por essa abordagem qualitativa concentra nossa atenção em fundamentos epistemológicos de desempenho escolar. Sendo

assim, as informações só vieram contribuir com a elaboração e organização dos planos de aula propostos durante a realização do Estágio Supervisionado em Docência.

1.3 Tipo de pesquisa

Trata-se de um estudo de caráter explicativo, quando esta buscará identificar possíveis causas que norteiam o bom desenvolvimento intelectual dos alunos no ambiente escolar. Portanto, “a pesquisa explicativa pretende identificar os fatores que contribuem para ocorrência e o desenvolvimento de um determinado fenômeno” (GONSALVES, 2001, p.68).

Trata-se também de uma pesquisa de campo, que de acordo com Gonsalves é “[...] o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. A pesquisa de campo é aquela que exige do pesquisador um encontro mais direto com o sujeito [...]” (p.68). Deste modo, a pesquisa será desenvolvida no meio ao qual o objeto de estudo se encontra, o que possibilitará uma melhor compreensão sobre os aspectos que envolvem o problema estudado.

1.4 Abordagem da pesquisa

Mediante a aplicação da entrevista, os dados coletados serão abordados através da análise qualitativa, os quais darão destaque aos significados positivos ou negativos, indicados pelos alunos participantes do quadro de entrevistados. A pesquisa qualitativa, segundo Gonsalves “[...] preocupa-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão às suas práticas [...]” (p.69). Nessa perspectiva, a pesquisa proporcionará uma interpretação mais detalhada sobre a complexidade do problema analisado.

1.5 O Portfólio e o Diário de Campo: Fontes documentais construídas no Estágio Supervisionado em Docência

Durante o Estágio Supervisionado em Docência, construíram-se como fontes de pesquisa documentais, o portfólio e o diário de campo, a partir das vivências e experiências do

cotidiano da sala de aula. No portfólio consta o planejamento de todas as aulas desenvolvidas durante o período referente, desde os objetivos, procedimentos, fechamentos, avaliação e recursos utilizados à realização, apresentando atividades como jogos, brincadeiras, entre outros elementos, que favorecem a uma aula mais construtiva. O diário de campo, por sua vez, foi construído a partir dos registros narrados diariamente no decorrer das aulas, este aborda os momentos mais importantes da realização das atividades, que ficaram marcados na memória, e que sendo escritos servem como referências para fundamentação e enriquecimento teórico deste estudo.

Nesse sentido, entende-se que “a memória é a principal fonte dos depoimentos orais e há ligação direta entre o tempo e a história, com o objetivo de construir ligações entre as fontes ou documentos, que podem subsidiar na pesquisa ou formar acervos para os centros de documentação e de pesquisa” (SANTOS, 2007, p. 2).

Portanto, os procedimentos oferecidos por meio da história cultural, possibilitam destacar o resgate de informações importantes sobre determinado assunto inclusive da pessoa do educador na história de vida e na sua atuação profissional, dando subsídios teóricos metodológicos para o desenvolvimento de uma pesquisa qualitativa em educação.

CAPÍTULO II

2. A PSICOGÊNESE DOS CONHECIMENTOS

Nas últimas décadas, vem se discutindo muito sobre o processo de desenvolvimento e de aprendizagem e também sobre as contribuições da Psicologia do desenvolvimento, bem como as implicações entre esse processo e o ensino.

O processo de evolução do pensamento humano muda lentamente, do nascimento até a maturidade, sendo evidentes as variedades do pensamento de um sujeito para outro, a partir da forma como vê o mundo e como o assimila, caracterizando o desenvolvimento cognitivo em um processo contínuo e progressivo.

Sendo assim, neste capítulo abordam-se alguns aspectos importantes, inicialmente, sobre a concepção epistemológica de Jean Piaget, em seguida, sobre a construção do conhecimento epistemológico e, para finalizar, sobre o processo de equilibração, desenvolvimento e aprendizagem.

2.1 Jean Piaget: a Epistemologia Genética

É bem sabido que Jean Piaget, biólogo suíço, tornou-se psicólogo ao recorrer à psicologia para desenvolver estudos sobre a construção do conhecimento que venha responder as questões epistemologicamente ligadas ao desenvolvimento intelectual do homem, sendo assim, torna-se necessário situarmos este estudo no contexto da Psicologia Genética, para saber como o homem constrói conhecimento mediante a sua relação com a realidade. Neste sentido, entendemos que:

o conhecimento é um processo e, como tal, deve ser estudado em seu devir de maneira histórica. Pó isto, sua epistemologia não se contenta com a resposta à pergunta “como é possível o conhecimento?”; tenta, além disso e sobretudo, estudar como muda e evolui o conhecimento (COLL; MARTÍ, 2004,p.45).

Define-se Epistemologia Genética como o estudo da origem do conhecimento, origina-se de **episteme** que significa conhecimento, **logia** que é estudo e **gênese** que vem de origem. A teoria psicogenética, definida por Piaget, é concebida com o objetivo de examinar o sistema cognitivo desde a sua origem na mais tenra infância, para analisar como o homem passa de nível menor de conhecimento para um nível maior de conhecimento, em todo o seu processo de desenvolvimento cognitivo. Portanto, é oportuno observar que:

O fundamento básico de sua concepção do funcionamento intelectual e do desenvolvimento cognitivo é o de que as relações entre os organismos e o meio são relações de troca, pelas quais o organismo adapta-se ao meio e, ao mesmo tempo, o assimila, de acordo com suas estruturas, num processo de equilibrações sucessivas. Determinar as contribuições das atividades do indivíduo e das restrições do ambiente na aquisição do conhecimento foi o foco do seu trabalho experimental. (FONTANA, 1997, p.44).

As peculiaridades do pensamento e da lógica das crianças, sobre as coisas e a forma como se relacionam sobre elas, despertou em Piaget o interesse sobre o estudo do desenvolvimento do pensamento humano, pois para ele, muitas respostas às questões da construção do conhecimento poderiam ser encontradas nos estudos dos processos de desenvolvimento das crianças. A esse respeito, pode-se afirmar que:

É importante, então, não confundir as contribuições dadas por Piaget à compreensão do desenvolvimento cognitivo da criança com uma ‘psicologia

da criança'. Ele não dedicou a estudar o pensamento infantil motivado por um interesse pela infância em si e também não elaborou uma psicologia genética movido pelo interesse por questões propriamente psicológicas. O centro de seu trabalho e de todos os seus estudos é o desenvolvimento do conhecimento (FONTANA, 1997, p.45).

Ao tentar explicar a gênese do conhecimento, Piaget realizou muitas pesquisas e reflexões, até de fato chegar a sua teoria da epistemologia genética, adotou o construtivismo e interacionismo, quando concebia uma interação constante entre sujeito e objeto. Diante dos resultados obtidos reafirma que:

[...] uma epistemologia conforme com os dados da psicogênese não poderia ser nem empirista nem pré-formista, mas consiste apenas num construtivismo, com a elaboração contínua de operações e de estruturas novas. O problema central é, então, compreender como se efetuam estas criações e por que razão, visto resultarem de construções não pré-determinadas, se podem tomar logicamente necessárias, durante o desenvolvimento (PIAGET, 1978, p.51).

O sujeito constrói conhecimento baseado por sua relação com o meio que atua, num processo ativo de evolução do pensamento, no qual o mesmo vai modificando-o de acordo com suas necessidades. Compreende-se, então, por construtivismo que:

A idéia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado em nenhuma instância, como algo determinado. Ele se constitui pela ação e interação do indivíduo com o meio físico e social (BECKER, 2001, p.10 apud BAMPI, 2006, p. 35).

Portanto, o construtivismo foi fortalecido pelas idéias de Jean Piaget sobre o desenvolvimento da inteligência, para que venha explicar ou justificar todo esse processo de evolução do pensamento humano, que nos leva a compreender o homem em todos os seus aspectos psíquico, físico, emocional, cognitivo, e também como um ser que se constrói como sujeito cognitivo.

2.2 A construção do conhecimento epistemológico

Jean Piaget define a inteligência humana como uma das formas de adaptação, colocando-a como a capacidade individual de sobrevivência ao meio. Esse processo de desenvolvimento intelectual das ações acontece desde o nascimento da criança, esta ao nascer, já trás consigo reflexos individuais, que são desencadeados por certos estímulos ao longo de seu desenvolvimento. É através desse desenvolvimento contínuo dos esquemas de ação, que a criança começa a conhecer a realidade, assimilando-a e atribuindo-lhe significados. Sendo assim, vê-se que:

[...] mediante sucessivas assimilações e acomodações, o bebê vai conhecendo os objetos de seu mundo imediato. Eles são organizados em objetos 'para olhar', 'para pegar', 'para sugar', 'para empurrar', 'para morder', 'para olhar e pegar', 'para pegar e sujar', 'para pegar e morder', e assim por diante (FONTANA, 1997, p.47).

Segundo Piaget, no processo de desenvolvimento da inteligência, o sujeito percorre por dois momentos de abstração de conhecimento, através da abstração empírica e da abstração reflexiva. O primeiro refere-se às informações que o sujeito retira do objeto do conhecimento e o segundo são as ações realizadas sobre ele. Assim, Bampi cita Deval citado por Substratum, afirmando que:

[...] existem duas formas de construção a partir da atividade do sujeito: pela abstração reflexionante e pela abstração simples. A abstração reflexionante produz a partir das ações do sujeito, enquanto que a simples ou física permite construir as propriedades dos objetos (1997. p. 98).

Dessa forma, ativamente se assimila o novo ao antigo e acomoda-se o antigo ao novo, numa relação em que o funcionamento cognitivo, ou pensamento do indivíduo vai se estruturando, se organizando através da interação entre o sujeito e o objeto (meio), ou seja, “a relação com o objeto, é essencial para o desenvolvimento cognitivo, pois é necessário que se estabeleça uma relação com o meio e o objeto, para poder avançar na construção do desenvolvimento” (PIAGET, 1978, p.46). Acontecendo assim, um processo de construção e reconstrução do pensar individual sobre a realidade, no qual o sujeito constrói a sua inteligência e seus próprios conhecimentos de uma maneira ativa. Essa interação com a realidade faz com que a criança assimile algumas informações do mundo e conseqüentemente

as acomode de forma pessoal, mantendo uma relação de troca ao longo do desenvolvimento. Portanto, afirma-se que:

[...] assimilação enfatiza a direção que vai da situação particular à estrutura geral. Acomodação acentua a direção inversa. Em outras palavras, assimilação refere-se àquilo que é essencial a todo conhecimento, ou seja, uniformidade, atributos comuns e generalização numa dada situação; acomodação refere-se àquilo que é particular, novo e diferente, proporcionando assim a base para mudança e aprendizagem (FURTH, 1974, p.37).

Nesse sentido, a inteligência é uma das formas de adaptação da vida do sujeito em toda a sua evolução, na qual os processos de assimilação e de acomodação são complementares a esse percurso. Assim, inteligência é também acomodação ao meio e suas variações.

2.3 O processo de equilíbrio, desenvolvimento e aprendizagem

A partir desse processo de construção e reconstrução do conhecimento, que Piaget denominou o termo equilíbrio, como o processo móvel e dinâmico de organização mental, que efetiva as sucessivas aprendizagens abstraídas pela criança na construção do conhecimento, quando estabelecem o equilíbrio das idéias, caracterizando a construção das suas representações, a partir da relação do que ela já conhece com o que está a conhecer, num acúmulo maior de inteligência. Esse processo identifica que:

[...] a ação como fonte de conhecimento, o relativismo genético e, sobretudo, a dialética da assimilação e da acomodação nos processos de equilíbrio que asseguram ao mesmo tempo o progresso e a estabilidade do conhecimento (DOLLE, 1981, p.69 apud BAMPI, 2006, p.21).

Ao abordar essas questões envolvidas ao pensamento, Piaget estabelece uma relação direta entre a aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo, quando concebe a este uma sequência de estágios que marcam o nível intelectual da criança, quanto a sua forma de pensar e de aprender, em um determinado momento de sua evolução. A esse respeito, entende-se que:

Piaget e seus colaboradores o abordam em íntima conexão com o desenvolvimento cognitivo. O nível de competência intelectual de uma pessoa em um determinado momento de sua evolução depende da natureza de seus esquemas, do número dos mesmos e da maneira como se combinam e coordenam entre si (COLL; MARTÍ, 2004, p.46).

Esses estágios referem-se ao processo de compreensão sobre o mundo, que garantirão a sua adaptação e conseqüentemente seu desenvolvimento intelectual, no qual não se classifica um tempo exato para seu desenvolvimento. Além disso, os conceitos piagetinos de estágios no desenvolvimento humano pressupõem que:

[...] sem maior discussão, a existência de regulações reflexivas e partem do estágio sensório motor, a este segue-se o estágio pré-operatório, que representa uma preparação para o estágio operatório concreto e conduz ao estágio final (operatório formal). O importante não é, como se julga freqüentemente, a noção de idade mental relacionada com estágios (os critérios de estágios, na teoria de Piaget, não podem ser tratados como critérios padronizados de Q.I.), e sim a seqüência regular de desenvolvimento específico dos estágios (FURTH, 1978, p. 39).

Os períodos ou estágios do desenvolvimento da inteligência, definidos por Piaget, classificam-se em: Período sensório-motor (0 a 2anos); Período pré-operatório (2 a 7 anos); Período operatório concreto (7 a 11 anos); Período operatório formal (12 anos em diante). Cada estágio marca um avanço de uma etapa de equilíbrio, uma etapa de desenvolvimento superior à fase anterior de conhecimento.

O período Sensório motor é o estágio inicial e vai do nascimento até os dois anos de idade. Esse estágio é a base que garante a seqüência de avanços dos demais estágios. A criança constrói através dos esquemas a sua ideia de mundo, de objeto, tempo e espaço, numa relação com o meio.

O período Pré-operatório caracteriza-se pelo aparecimento da função simbólica, a linguagem é aos poucos inserida no mundo da criança, porém ainda é uma linguagem egocêntrica, centrada em si mesma, no eu da criança. O pensamento da criança se reconstrói, apoiando-se nas aquisições anteriores do período sensório-motor.

O período operatório concreto, é quando a criança começa a usar a lógica e o raciocínio na manipulação dos objetos concretos, é marcado também pelas primeiras relações da criança com diferentes aspectos e abstração de dados da realidade. A criança desenvolve noções de tempo, espaço, velocidade, ordem e objeto. Nesse sentido, é oportuno afirmar que:

O pensamento operatório concreto permite à criança apreender que um objeto pode ser ao mesmo tempo semelhante e diferente de outros objetos. [...] assim, se uma criança aprecia que um dado elemento pode ser igual e diferente dos outros, ela possui flexibilidade de raciocínio para construir a noção de unidade. É esta unidade que permite a verdadeira quantificação da experiência em todos os seus muitos domínios. É capaz de quantificar a suas experiências na realidade (ELKIND, 1978, p. 96 Apud BAMPI, 2006, p.78).

No último período, o operatório formal, a criança amplia a sua capacidade de raciocinar, sendo capaz de pensar em todas as relações possíveis, buscando soluções a partir de hipóteses e não apenas pela observação da realidade, ela tem a capacidade de criticar e de elaborar estruturas mais concretas em termos de raciocínio lógico e abstrações sobre o pensamento (abstração reflexionante). Sendo assim, é possível afirmar que:

[...] este constitui a última etapa de desenvolvimento e caracteriza-se por dois traços aparentemente independentes, mas que guardam uma profunda relação: por um lado é o momento em que ocorre a inserção no mundo dos adultos com todos os problemas que isto representa; por outro, é o período em que os indivíduos começam a ser capazes de manejar o pensamento hipotético-dedutivo, característico da ciência. O pensamento formal amplia significativamente as capacidades da criança. [...] pode raciocinar sobre o possível, servindo-se prioritariamente da linguagem. [...] entende o pensamento científico e raciocina sobre problemas complexos (DELVAL, 1998, p. 123).

Portanto, os estágios do desenvolvimento alcançados pelo sujeito, são formas de organização diferentes estimuladas pelo meio físico e social, que caracterizam uma melhor compreensão do processo construtivo da inteligência. Cada estágio marca o desenvolvimento de uma etapa de equilíbrio, o que determina uma visão mais clara das formas de pensamento e do nível de conhecimento no qual se encontra o sujeito, para que se consiga uma melhor compreensão do seu processo construtivo da inteligência.

CAPÍTULO III

3. REPRESENTAÇÃO DA APRENDIZAGEM: FATORES E PROCESSOS PSICOLÓGICOS DE UMA REALIDADE ESCOLAR

Neste capítulo, apontam-se algumas situações que visam compreender através do posicionamento dos alunos, as suas diferentes formas de aprender e pensar, mediante fatores e processos psicológicos que justificam o nível de desenvolvimento e capacidade no contexto da aula, como também suas dificuldades, considerando a sua relação tanto com o colega quanto com próprio professor.

3.1 O processo de aprender e conhecer da criança

Piaget não se deteve diretamente a estudos relacionados a educação, seu interesse maior foi estudar questões relacionadas a construção do conhecimento humano. Porém, este se destacou como “um dos pensadores do século XX, que mais contribuiu com sua obra intelectual para enriquecer e renovar o pensamento pedagógico contemporâneo” (COLL; MARTÍ, 2004, p.53).

A riqueza e a variedade dos seus estudos possibilitam uma visão mais clara sobre o pensamento humano, visto que oferece respaldo para a compreensão dos fatores de construção e desenvolvimento decorrentes do processo intelectual dos educandos. Nesse sentido, entende-se que:

[...] a obra de Piaget proporciona uma ampla e elaborada resposta, respaldada, além disso, por um considerável apoio empírico, ao problema de como se constrói o conhecimento científico; ao ser formulada em termos de como se passa de um estado de menos conhecimento a um estado de mais conhecimento, parece pertinente para a compreensão da aprendizagem escolar, descrever a evolução das competências intelectuais desde o nascimento até a adolescência[...] (COLL; MARTÍ, 2004,p.53).

Para tanto, com o desenvolvimento da pesquisa foi possível constatar que a maioria dos alunos demonstra interesse pelos conteúdos trabalhados pela professora na sala de aula, inclusive pela execução das tarefas, como afirma o Aluno III, de 08 anos ao dizer que “gosto de história e português, de fazer ditado, de pintar, gosto de todas as tarefas que a minha professora passa pra fazer” (feminino 04/ 04/ 2010). Nesse sentido, a fala do aluno corrobora com Macedo quando afirma que:

Articular domínio de conteúdos disciplinares com desenvolvimento de competências, habilidades e valores implica coordenar características do desenvolvimento da criança com processos de ensino do aluno. Desenvolvimento da inteligência e procedimentos de ensino são partes de um mesmo todo. São irredutíveis, mas se complementam em favor de algo indissociável: as formas de aprender e os conteúdos e métodos que as possibilitam (2008.p.14-15).

As atividades devem estar adequadas aos conteúdos, que por sua vez devem responder às necessidades, o interesse e às capacidades de compreensão na qual a criança se encontra.

Sendo assim, para saber “se as atividades de aprendizagem desenvolvidas na sala de aula favorecem ou não o desenvolvimento cognitivo do educando”, faz-se necessário identificar previamente o nível intelectual e as capacidades de aprendizagem, em que a criança se encontra, para que se possa trabalhar a diversidade dos aspectos do processo educacional.

Cabe, portanto, destacar que a escolha dos conteúdos, objetivos, a avaliação e os métodos a serem trabalhados pelo professor podem contribuir para o sucesso ou fracasso escolar do educando, pois, o que muitas vezes é considerado como erro ou falta de conhecimento do aluno, deveria ser entendido como a expressão da diversidade racional, da capacidade de cada sujeito à realização de determinado problema. A esse respeito, o Aluno I, de 09 anos, afirma que “sempre quando eu tenho alguma dúvida a minha professora me ajuda aí, eu aprendo mais” (feminino 04/ 04/ 2010). Sendo assim, esta variação do conhecimento deve ser considerada pelo professor antes mesmo da realização de cada aula, pois é na hora do planejamento que o docente deve estabelecer objetivos e estratégias para o desenvolvimento de uma aula dinâmica, com atividades que venham proporcionar o bom desempenho dos seus alunos, atividades estas estimulantes para o diálogo, a liberdade de expressão, a criatividade, a imaginação. Posto assim, favorecerá ao desequilíbrio e equilíbrio de raciocínio do aluno na resolução de problemas e acima de tudo estabelecerá uma boa relação com os outros.

Considera-se, então que o professor deve ser investigador e possibilitador do processo de ensino e aprendizagem, no qual concebe as diferentes formas de aprender e pensar do aluno. Deve ampliar as suas possibilidades de atendimento à diversidade expressa pelas crianças em todos os aspectos da aprendizagem, considerando as diferentes habilidades, diversidade de ritmo, tempo, maneiras e caminhos para aprender em todo seu trajeto de desenvolvimento cognitivo. A exemplo disto, é perceptível no discurso de dois alunos essa variação de capacidades, quando o Aluno I, de 09 anos afirma “Eu gosto de fazer ditado, pintar, ler e não gosto de matemática” (feminino, 04/04/2010) enquanto que o Aluno II, de 08 anos afirma “Eu gosto de fazer conta, porque é fácil de fazer” (masculino, 04/04/2010). Como é possível observar, ambos os alunos apresentam maneiras distintas para expressarem suas habilidades quando se tratam das atividades escolares, o que marca ainda mais o ritmo maturacional próprio de cada criança em seu processo de evolução do pensamento.

3.2 Nível de desenvolvimento e capacidades de aprendizagem

O desenvolvimento para a psicologia genética consiste na construção e reconstrução de estruturas intelectuais que marcam o nível cognitivo do sujeito em todo seu processo de evolução do conhecimento e sua relação com o meio, quando o conhecimento é sempre o resultado da interação e apropriação progressiva do objeto pelo sujeito. A esse respeito Coll e Martí afirmam que:

A possibilidade de que o aluno consiga realizar uma determinada aprendizagem obviamente é limitada por seu nível de competência cognitiva. [...] Os níveis de desenvolvimento identificados pela psicologia genética, definem níveis de competência cognitiva que determinam o que o sujeito pode compreender, fazer ou aprender em um determinado momento, são úteis como ponto de referência para selecionar os conteúdos de ensino (2004, p.55).

Sendo assim, a capacidade de aprendizagem depende das competências cognitivas próprias de cada sujeito, abordadas nos estágios de desenvolvimento, já que estes sinalizam as possibilidades que os mesmos têm para aprender e construir conhecimento.

Nesse processo de construção do conhecimento, a aprendizagem escolar não consiste em uma relação passiva do conhecimento, mas sim, em um processo ativo de elaboração, fruto de uma interação entre o sujeito (aluno) e o objeto do conhecimento (conteúdo). A exemplo disso, Coll e Martí (2004) afirmam que “[...] a criança encontra objetivos em seu ambiente físico e noções transmitidas por seu ambiente social; porém segundo Piaget, não os adota tal e qual, mas os transforma e os assimila a suas estruturas mentais” (p.47). Este trata-se essencialmente de uma construção realizada pelo sujeito através do objeto do conhecimento, onde o mesmo é influenciado pelo meio social que o envolve, neste caso o âmbito escolar.

A aprendizagem é um fenômeno amplo e complexo, no qual existe uma série de fatores que envolvem a capacidade de cada um em aprender. Dorneles (2002) apresenta alguns fatores além dos cognitivos, que interferem no ritmo de desenvolvimento e aprendizagem do sujeito, tais como: os fatores ambientais, sociais, genéticos e fatores internos do indivíduo, estes influenciam na aquisição do saber, do aprender a pensar, na capacidade de percepção do aluno em seu processo de evolução.

Além dos fatores elencados por Dorneles, um outro elemento importante no processo em destaque é a memória, esta se caracteriza como atividade mental entre o ensino e a aprendizagem, tendo a função de facilitar a aquisição, o armazenamento e a utilização da informação obtida na sala de aula, é através da memória que o sujeito consegue desenvolver-se intelectualmente. Na prática da sala de aula, é comum encontrar problemas relacionados à falta de memória, como pode ser visto no exemplo do Aluno IV, de 08 anos quando afirma que: “fica na minha cabeça mais depois sai” (feminino 04/04/2010). Sendo assim, as crianças podem não conseguir compreender certas atividades trabalhadas pelo professor na sala de aula, com isso não conseguem assimilar ou fixar conhecimentos, o que influencia em sua aprendizagem. Em relação à importância da memória no desenvolvimento da vida humana, é oportuno afirmar que:

Uma vida sem memória não seria vida, como uma inteligência sem possibilidade de se expressar não seria inteligência. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nossa ação, nosso sentimento. Sem ela não somos nada [...] (BUÑUEL apud POZO, 2002, p.97).

Assim, torna-se reconhecida a importância de criar condições favoráveis ao desenvolvimento metacognitivo no educando que venham estimular a sua aprendizagem favorecendo a organização, compreensão e fixação dos conteúdos trabalhados, o que irá contribuir à construção intelectual do indivíduo.

3.3 Relação professor-aluno

Indiscutivelmente a relação professor-aluno tem grande influência no processo educacional, visto que os valores afetivos presentes no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem podem levar a criança a construir pensamento favorável à aceitação das diferenças do outro em seu convívio diário. Não se pode separar aprendizagem de afeto, é importante que o professor conheça cada um dos seus alunos e esteja atento às suas dificuldades, estabelecendo sempre uma relação de respeito e harmonia. A esse respeito o Aluno I, de 09 anos afirma que: “eu gosto da minha professora, ela é muito boa quando eu não sei fazer a tarefa ela me ajuda e ainda deixa a gente brincar, conversar e faz educação física” (feminino 04/04/2010). Percebe-se na fala do aluno a importância e os benefícios da

interação de ambos, em meio a ação reflexiva e contínua sobre a prática em sala de aula. Estes fatores mesmos que subjetivos, influenciam intensamente no contexto escolar, ao mesmo tempo em que se estabelece a dinâmica entre o professor e o aluno, influenciam na mudança das representações da aprendizagem, quando interagem entre si e permitem uma relação mais efetiva, contribuindo assim para a construção do conhecimento que é próprio do ato de aprender.

No que se refere à construção do conhecimento, tanto Piaget quanto Vygotsky fundamentam o papel insubstituível do professor na construção do conhecimento, defendendo a importância da interação professor/aluno e aluno/aluno como desencadeadora dos processos de ensino-aprendizagem, estabelecendo a troca de experiências e conhecimentos entre si, a reciprocidade do pensamento, da confiança e do respeito mútuo. O professor deve dar ênfase acerca do seu compromisso enquanto mediador do conhecimento e deve investigar o nível de conhecimento do aluno, suas reais dificuldades para poder, então, auxiliá-lo. Sendo assim, é correto afirmar que:

O educador/mediador oportuniza e favorece processos de reflexão do educando sobre suas ações (abstração reflexionante), oportunidades de refletir sobre a própria experiência, de estabelecer relações entre idéias e ações, de perceber diferentes pontos de vista para reconstruir suas experiências no plano mental, evoluindo em termos do desenvolvimento moral e intelectual (HOFFMANN, 2005, p.21).

É comum depararmos-nos com situações em que os alunos se mostram desinteressados em aprender os assuntos trabalhados pelo professor na sala de aula, e em consequência, o professor é taxado como o principal culpado, que não sabe ensinar, que não está preparado para exercer a profissão de docente, quando na verdade a participação e o interesse do aluno são fundamentais para a sua evolução do pensamento, se o mesmo não presta atenção na aula, não faz as tarefas encaminhadas pelo professor, fica difícil, ou quase impossível, desempenhar um trabalho com sucesso. O aluno tem que mostrar interesse, ter curiosidade para aprender, pensar e conhecer as coisas. Um exemplo disto pode-se perceber no discurso do Aluno IV, de 08 anos quando afirma que “tem que estudar bem muito, prestar atenção nas aulas” (feminino, 04/04/2010), este reforça a importância do estudar e prestar atenção à aula ministrada pelo professor. Observa-se assim, que tanto o comportamento do professor quanto o do aluno interferem no processo de ensino e aprendizagem.

O problema não é simplesmente que a criança tem dificuldade para acompanhar os colegas, o que acontece é que o seu desempenho, sua capacidade é compatível com o seu próprio potencial. É perceptível na fala do Aluno II, a sua dificuldade na hora da leitura quando afirma “eu leio aqui na sala de aula, eu leio no reforço e leio em casa, mas ainda não sei bem ler” (masculino 04/04/2010). Considerando a fala do aluno, o professor deve ser consciente do seu trabalho e procurar desempenhar, com esses alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, estratégias e métodos diferentes, ou seja, para cada aprendizagem há esquemas diferenciados para concebê-la, pois na construção do conhecimento devemos refletir sobre: O quê ensinar? Para quem? E ao refletir sobre tais questões, surge um questionamento: Como ensinar? Neste momento de reflexão, considera-se sobre a idade das crianças, os objetivos a serem alcançadas e, finalmente, a metodologia apropriada para a efetiva construção do conhecimento, para que haja o movimento reflexivo de ação -reflexão - ação.

Os educadores comprometidos com a educação e conscientes de sua função social devêm se questionar sempre sobre: quais cidadãos desejam formar? Para que ou para quem estes serão educados? Também devem procurar despertar nos próprios alunos esse ato reflexivo diante da importância do estudo para suas vidas, para que os mesmos se questionem sobre os seus desejos e vontades, visando o seu futuro. A esse respeito, é perceptível na fala de dois alunos a noção de como é importante estudar, quando o Aluno I, de 09 anos afirma “é bom estudar porque cada coisa nova que eu aprendo é um tipo de coisa” (feminino, 04/04/2010) e na fala do Aluno III, de 08 anos ao afirmar “pra quando crescer se formar em alguma coisa” (masculino 04/04/2010). Nesse sentido, a fala dos alunos corrobora com Piaget (1976) quando este estabelece que a construção do conhecimento não deve se constituir por práticas coercivas simplesmente através do monólogo, acredita-se ser necessário que o indivíduo reconstrua e faça que este conhecimento se torne significativo e referente às suas necessidades.

Portanto, as informações a respeito da teoria de Piaget direcionadas ao âmbito escolar, devem auxiliar o professor na compreensão de que o processo educativo não pode ser conduzido através de uma forma homogênea em que todos os alunos recebem ao mesmo tempo as mesmas orientações e determinações, visto que a aquisição e construção do saber acontecem de forma heterogênea, o que justifica o nível intelectual e a capacidade de aprendizagem de cada sujeito mediante o objeto do conhecimento, e ainda marcada pelos variados contextos em que vivem e acabam por influenciar também no processo de desenvolvimento cognitivo.

CAPÍTULO IV

4. REFLEXÕES ENTRE O ESCRITO E O VIVIDO NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Neste capítulo, abordam-se algumas reflexões sobre a importância do Estágio Supervisionado na formação acadêmica, não o compreendendo apenas como a parte prática do curso, mas sim, como parte integrante do ato educativo. Este apresenta-se distribuído por momentos, nos permitindo perceber a influência, tanto das manifestações de conhecimentos vivenciadas durante o processo de formação docente quanto as experiências do Estágio Supervisionado, na fundamentação da dinâmica entre a teoria e a prática. Tais experiências nos possibilitam compreender as diferentes práticas que norteiam a construção e desenvolvimento da aprendizagem do educando no âmbito escolar. A fundamentação teórico prática deu-se à luz dos conceitos abordados na Teoria do Desenvolvimento Cognitivo proposta por Jean Piaget, que diante da realidade trabalhada, contribuíram essencialmente para o seu desenvolvimento das ações vivenciadas no Estágio Supervisionado em docência.

4.1. Uma leitura reflexiva sobre a importância do Estágio Supervisionado em Docência

Torna-se importante refletir sobre a realidade escolar como um espaço de inspiração pessoal, de aprendizagem, de valorização do desenvolvimento humano e da diversidade de conhecimentos contemplados diariamente. Neste sentido, afirma-se que o Estágio Supervisionado em Docência é uma etapa indispensável no processo de formação no Curso de Pedagogia. Trata-se de uma sensação antes nunca sentida, no decorrer e vivência dos componentes curriculares, significa então que tal experiência possibilita compreender os diferentes momentos, as diferentes práticas desenvolvidas no ambiente de construção e desenvolvimentos da aprendizagem que é a escola.

A sociedade moderna tem exigido que os profissionais da educação tenham qualificação crescente e desempenho eficaz para conviver com as contradições e os problemas da sociedade, 'globalizada'. A escola reflete esta realidade, e a ela é atribuída grande responsabilidade pelo desenvolvimento intelectual do educando. Por esses motivos, entende-se a necessidade de investigar e analisar a complexidade que envolve as práticas desenvolvidas pelos profissionais da educação, em nosso caso, ainda em formação.

A preparação acadêmica do profissional da educação deve ser alicerçada na teoria e na prática, tanto com elementos que possibilitem o saber como também o saber fazer, ou seja, um sujeito capaz de tomar decisões com consistência teórica. É inaceitável se pensar em um professor que saiba apenas orientar uma atividade aos alunos, mas que, no entanto, não tem a clareza para que ela serve e quais os benefícios que traz para o desenvolvimento do aluno, sendo assim, para que o professor avance nos conceitos de aprendizagem, torna-se necessário um conhecimento teórico claro e objetivo que vai além da prática.

Nesse sentido, o Estágio Supervisionado em Docência, possibilita o conhecimento teórico/prático, ou seja, o saber e o fazer como ações indissociáveis, que são marcadas, sobretudo, pelas reflexões das experiências vivenciadas no dia a dia da sala de aula, as quais nos possibilitam um trabalho crítico e construtivo. É, sem dúvida, necessário que o professor desenvolva na construção da sua identidade profissional, enquanto possibilitador de conhecimento, o aporte aos fundamentos apreendidos ao longo das disciplinas estudadas na graduação, na intenção de exercer positivamente a sua prática pedagógica. Diante da relação entre teoria e prática é possível entender segundo Maristela Cristina Mertz que:

A capacidade de compreender como se processa o ensino-aprendizagem faz com que o profissional tenha uma postura adequada e busque, cada vez mais, mudanças significativas na área em que atua, acrescentando em sua postura a investigação, a reflexão e a ação. Entretanto, cabe lembrar que essa reflexão acerca da prática vivenciada só é possível se existirem subsídios teóricos. É preciso uma sólida reflexão teórica para que aconteça um saber fazer consciente (2010, p.12).

É no decorrer do estágio que a prática pedagógica é realizada e refletida, possibilitando ao acadêmico saber executar sua função e também refletir sobre ela.

4.2. Vivências e experiências do Estágio Supervisionado em Docência

É importante lembrar que o Estágio Supervisionado em Docência é um momento de aproximação mais direto com a comunidade escolar (professores, gestor, alunos e funcionários), considerando que cada escola tem um jeito especial, específico de conduzir o seu cotidiano, sua organização e de se posicionar diante das questões e desafios que surgem constantemente, inclusive da forma como lidar com a subjetividade dos alunos.

Para a obtenção de um melhor resultado procurou-se desenvolver um trabalho de forma objetiva e organizada que viesse atender tanto aos critérios estabelecidos pela professora da disciplina de Estágio Supervisionado em Docência quanto aos da própria instituição escolhida para o desenvolvimento das atividades. Nesta perspectiva, é preciso, antes de tudo, que o docente estagiário se mantenha no lugar a ele proposto, que considere os procedimentos internos da instituição, e que se destine essencialmente à realização dos seus objetivos, buscando desenvolver com coerência as atividades previamente traçadas nos Planos de Estágio, adequando-as aos conteúdos propostos para o referente período.

Diante das experiências do Estágio Supervisionado, contemplar questões a respeito da ação pedagógica requer sempre um esclarecimento quanto aos objetivos e meios utilizados durante o desenvolvimento das atividades no espaço escolar para a efetivação do ensino e aprendizagem. Tendo como base à docência, as situações de ensinar, aprender, elaborar, executar e avaliar devem ser vivenciadas, compreendidas e aplicadas com eficiência, buscando sempre subsídios para que o professor possa, cada vez mais, entender os aspectos relacionados ao ato de ensinar.

A cada dia um momento diferente, acontecimentos diferentes que chamam ou desviam a atenção dos alunos para as aulas, tornando assim o ato de ensinar um tanto quanto complexo, o que requer do profissional da educação mais interesse e compromisso no ato de planejar. Diante da primeira experiência em sala de aula pelo Estágio Supervisionado em Docência, fica claro para o estagiário que o planejamento é de fundamental importância para o desenvolvimento das práticas pedagógicas desenvolvidas na sala de aula.

O planejamento das aulas propõe ao professor uma leitura reflexiva sobre as possibilidades e aplicabilidades às atividades propostas aos alunos durante as aulas. O mesmo deve levar em consideração as reais necessidades e inclusive as capacidades de desenvolvimento dos alunos para a realização das atividades. Neste sentido, o professor deve levar em consideração as experiências vivenciadas diariamente, para que estas venham auxiliá-lo efetivamente no processo de ensino e aprendizagem, buscando esclarecer de forma objetiva as reais intenções, enquanto mediador de conhecimento, elaborando atividades mais atraentes e construtivas. Ilustra-se a essa reflexão as memórias narradas no Portfólio (dia 23/08/2010), que segundo os objetivos propostos para a referente atividade indica que o professor deve “explorar o conhecimento prévio do aluno sobre o folclore; fixar novos conhecimentos; desenvolver a habilidade motora e a criatividade; e ampliar o conhecimento sobre adição”. Nesta perspectiva, não basta ensinar por ensinar é necessário ter além de conhecimentos teóricos que fundamentem as atividades desenvolvidas na sala de aula, um olhar experiente para a elaboração de atividades cada vez mais práticas. A esse respeito Dallabona e Mendes afirmam que:

Por meio das descobertas e da criatividade, a criança pode se expressar, analisar, criticar e transformar a realidade. Se bem aplicada e compreendida, a educação lúdica poderá contribuir para a melhoria do ensino, quer na qualificação ou formação crítica do educando, quer para redefinir valores e para melhorar o relacionamento das pessoas na sociedade (2004, p. 107).

Para tanto, o professor deve desenvolver ou articular com seus alunos atividades diferenciadas que chamem a atenção dos mesmos, que trabalhem os conteúdos que muitas vezes podem ser encarados pelos alunos como chatos ou de difícil entendimento, de forma lúdica usando estratégias bem mais interessantes.

4.2.1 A construção do conhecimento e a avaliação da aprendizagem escolar, permeadas pela interação e diálogo em sala de aula

Os momentos vivenciados durante o Estágio Supervisionado em Docência contribuem, sobremaneira, para a formação enquanto docente e, ao mesmo tempo, reforça a fundamentação para este estudo, pois quando se busca compreender o nível de aprendizagem dos alunos mediante o resultado, positivo ou negativo, das atividades realizadas na sala de aula, aprende-se também a valorizar e conhecer nossas próprias possibilidades.

Destacam-se a seguir, algumas categorias, que sinalizam com mais intensidade a real situação de aprendizagem dos alunos em meio à aplicabilidade das atividades contempladas no Estágio Supervisionado em Docência quanto: ao desempenho dos alunos nas atividades individuais e em grupo, destacando as habilidades desenvolvidas no contexto da aula, como também as dificuldades encontradas na hora da sua execução, baseadas numa avaliação contínua da aprendizagem.

A primeira categoria contempla *o desempenho dos alunos mediante as atividades propostas, destacando as habilidades desenvolvidas no contexto da aula*, durante o período do estágio. Neste sentido, pode-se observar interesse e, às vezes, muito entusiasmo para a realização das tarefas, tanto as individuais quanto as em grupo. Os mesmos prestaram atenção na hora da explicação e mais ainda na execução das atividades, a maioria sempre conseguia realizar quase todas as questões corretamente, tanto as propostas para sala de aula quanto as direcionadas para casa. Entretanto, houve alunos que apresentavam quase sempre incompreensão ou falta de interesse para a resolução das atividades, como foi perceptível nas análises apresentadas no Capítulo III e reafirmadas no período de estágio, o que acaba por influenciar significativamente no processo de aprendizagem.

Em meio a tantas atividades desenvolvidas, cabe destacar as que de alguma forma intensificaram e estimularam a aprendizagem dos alunos dentro do contexto abordado. A proposta de trabalhar atividades que de forma lúdica e dinâmica viessem estimular o desenvolvimento de novas habilidades, a fim de melhorar ou facilitar a compreensão dos alunos em relação aos conteúdos trabalhados é um exemplo, pois é por meio de atividades práticas que se motiva a participação ativa do aluno no processo educativo.

Nesse sentido, recorre-se ao Portfólio que registra a confecção de quebra-cabeças de personagens do folclore brasileiro, utilizados com o objetivo de trabalhar o raciocínio lógico (habilidades intelectuais) e as questões relacionadas à matemática de forma dinâmica e lúdica, como também o desenvolvimento artístico do aluno (habilidades motoras), proporcionando

assim a interdisciplinaridade entre os conteúdos abordados. Como pode ser observado na imagem que segue:



FOTOGRAFIA 1 - Confeção de quebra-cabeças com personagens do folclore brasileiro.
FONTE: Leidiclere Dantas de Abreu, 2010.

A atividade desenvolveu-se, no primeiro momento de forma individual, pois cada aluno produziu o seu material e no segundo momento foi trabalhada a coletividade utilizando o material confeccionado como recurso didático para a referente aula. Assim, foram distribuídas gravuras com personagens do folclore brasileiro, entre outras, para que os alunos confeccionassem quebra-cabeças. No início, distribuiu-se com os alunos todo o material necessário para a realização da atividade, estes pintaram as gravuras de forma livre exercitando tanto a coordenação psicomotora quanto a criatividade no desenvolvimento da atividade. Em seguida, coloram em uma base de cartolina para que ficassem mais resistentes, posteriormente recortaram as peças seguindo os tracejados da figura e, na sequência, brincaram a vontade com o material produzido por eles mesmos na sala de aula. A atividade além de trabalhar a interdisciplinaridade estimulou a realização de habilidades que se evidenciaram no desenvolvimento das atividades propostas na referente aula.

Diante dessa atividade, afirma-se que a sala de aula é um espaço de interação com o outro que se dá por meio do diálogo, no qual se encontra uma diversidade de crenças, valores,

etnias e conhecimento que influenciam fortemente a aprendizagem do aluno, quando se refere à construção coletiva de conhecimentos.

Trabalhar atividades individuais com os alunos e mais ainda em grupo exige muita preparação e atenção do professor na hora de organizar e separar os grupos, pois, às vezes, o que se planejou com tanto cuidado pode não dar certo. Cabe ao professor refletir com os alunos sobre os objetivos da atividade, o que irá ser estudado e para que estudar, como uma forma de conscientização dos mesmos para com os conteúdos abordados durante a referente aula como também para a conscientização do trabalho em grupo, do saber se relacionar e interagir de forma correta tanto com o professor quanto com o próprio colega na sala de aula. A esse respeito, é oportuno afirmar que:

[...] saber ouvir é um comportamento indispensável para um relacionamento adequado e isso diz respeito à relação professor/aluno e aluno/aluno. “Saber ouvir significa respeito à riqueza e ao valor da diversidade de opiniões e à pessoa humana.” (PEREIRA, 2001, p.141 apud METZ, 2010, p.42).

Essa reflexão nos remete também a outro contexto, o da indisciplina, que foi percebida por meio de algumas reações de desrespeito dos alunos, com os colegas e com o próprio professor, surgiu assim, a necessidade de trabalhar atividades diferenciadas relacionadas ao comportamento dos alunos, destacando alguns princípios para uma boa educação e para a vida, na intenção de prevenir problemas futuros. Nessa perspectiva, foi realizada uma atividade que buscou trabalhar justamente essa temática, como pode ser observado nos registros a seguir:

[...] escrevi no quadro estrofes do poema “Palavrinhas Mágicas” para que praticassem a escrita e na sequência a leitura e a sua interpretação [...] No segundo momento, refletimos sobre a temática trabalhada no texto intensificando a importância do respeitar pelo outro, de ser uma pessoa educada e a maneira que devemos nos comportar (DIÁRIO DE CAMPO, dia 31/08/2010).

Nesse contexto a atividade foi desenvolvida com sucesso e todos compreenderam a mensagem transmitida pelo texto, e a partir deste, houve uma reflexão coletiva sobre o texto abordado na sala de aula. O propósito de trabalhar essa temática teve como objetivo maior de

despertar nos alunos de forma clara e dinâmica à importância de respeitar o outro para que também seja respeitado, buscando esclarecer que o conhecimento se constrói através do diálogo e que o professor além de trabalhar os conteúdos propostos no currículo escolar, deve articular o diálogo como um importante mecanismo de aprendizagem do aluno, na construção de um sujeito ativo e participativo tanto para o âmbito escolar quanto para o seu convívio em sociedade, despertando no aluno a competência lógica e a criticidade.

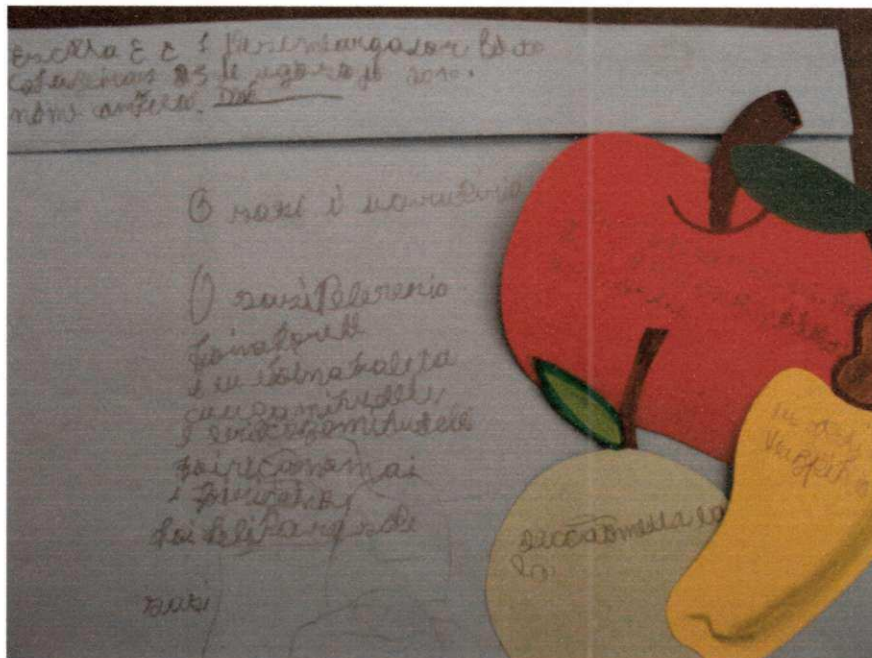
A segunda categoria contempla *as dificuldades encontradas pelos alunos na execução das atividades*, durante a vivência do Estágio Supervisionado em Docência. Percebe-se que mesmo com todo preparo e cuidado desenvolvido pelo professor, é comum os alunos terem dificuldades para a realização de algumas atividades como, por exemplo, a produção escrita de um texto, talvez proveniente da falta ou dificuldade de leitura, pronunciar as palavras na íntegra, resolução de cálculo matemático, incompreensão dos conteúdos. Tudo isto é perceptível na narração a seguir:

Houve um momento da aula que me chamou atenção, um aluno [...] olhou para mim e falou 'eu não sei, eu não sei fazer uma história, eu não sei desenhar', a partir daí cheguei mais perto e sentei a seu lado e perguntei se ele queria conversar sobre a situação, perguntei por que ele disse que não sabia fazer a tarefa se nem tinha tentado fazer, ele disse que não sabia escrever e nem desenhar (DIÁRIO DE CAMPO, dia 23/08/2010).

A esse respeito Dockrell e Mcshane apud Salles afirmam que:

As dificuldades de aprendizagem estão entre os fatores responsáveis pelo fracasso escolar. Há crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem gerais, enfrentando problemas com a maioria das matérias, enquanto outros apresentam uma dificuldade específica – em leitura, por exemplo, que, possivelmente, está relacionada ao tipo de material usado e não ao modo de como aprende (2005, p. 193).

É no cotidiano da sala de aula que se pode observar problemas de aprendizagem enfrentados pelos alunos, situação das mais comuns nas quais se pode verificar o que aprende, o que não aprende, o que se ensina, o que errou, o que acertou, ou seja, as possibilidades e contradições entre a construção do conhecimento, em meio a realização das atividades propostas pelo professor para o aluno. Neste contexto, cabe exemplificar essa afirmativa, a partir da imagem a seguir:



FOTOGRAFIA 2 – Atividade que revela a dificuldade do aluno para escrever.
 FONTE: Leidiclere Dantas de Abreu, 2010.

As dificuldades da linguagem escrita e sua aprendizagem pela criança, tornam-se cada vez mais um empecilho no progresso educacional, para o qual a leitura é uma importante via de acesso a outras áreas do conhecimento. Sendo assim, torna-se necessário uma compreensão mais clara desses problemas, focalizando as habilidades e as reais dificuldades de leitura e escrita apresentadas pelo aluno em determinadas situações, para que se busquem possíveis soluções que venham auxiliar no processo de ensino – aprendizagem.

A terceira categoria contempla *a avaliação formativa contínua como um dos critérios fundamentais para a construção do conhecimento* quando dentro de um contexto que visa trabalhar a aprendizagem dos alunos de forma contínua, considerando suas potencialidades cognitivas, entre o saber e o conhecer da criança, relacionando-as, a partir da necessidade e da capacidade intelectual, a novos desafios estimuladores de aprendizagem. A avaliação deve estabelecer melhores estratégias para que venha facilitar e aprimorar o ensino de qualidade e conseqüentemente uma aprendizagem mais consistente e eficiente. Destaca-se aqui a avaliação como um dos critérios fundamentais para a construção do conhecimento.

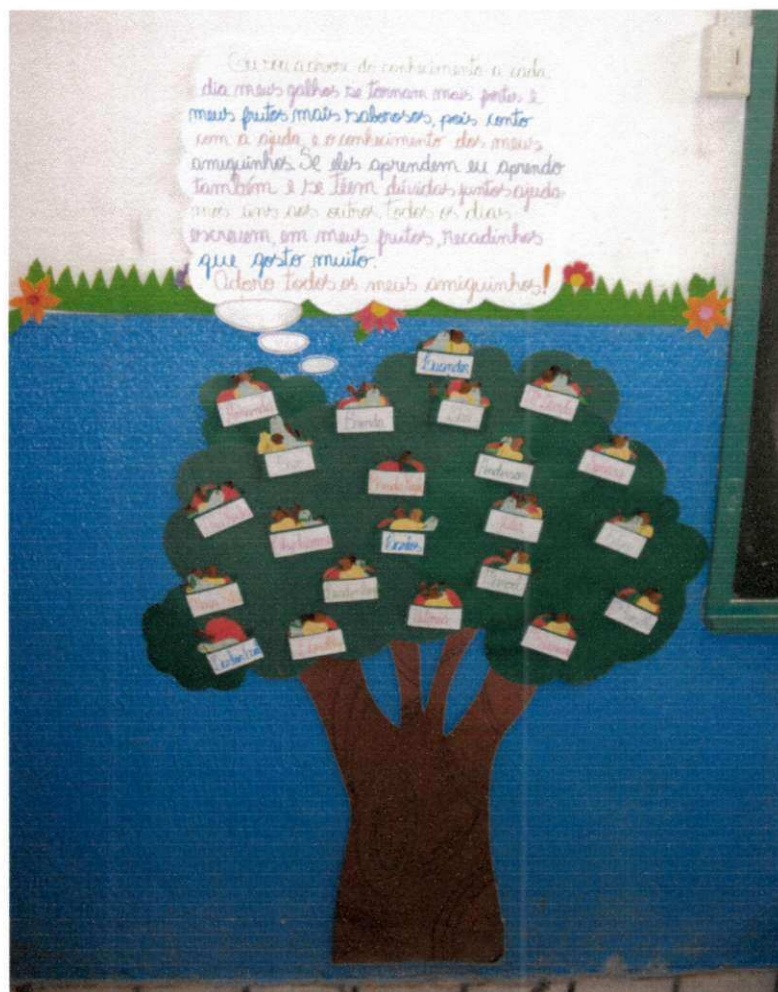
No decorrer do estágio, em meio a tantos acontecimentos, os alunos foram se mostrando cada vez mais interessados, ainda mais quando na última semana trabalharam de forma diferente. A realização de uma gincana educativa durante toda a semana, foi um sucesso que contribuiu para a fixação dos conteúdos trabalhados e funcionou como uma avaliação contínua da aprendizagem.

Neste contexto, enquadra-se a realização de uma das atividades inseridas na gincana educativa, a qual dependia de habilidades intelectuais, corporais, de raciocínio lógico e, acima de tudo, de memória ativa, pois como o próprio nome diz, a atividade desenvolvida foi o jogo da memória sobre os meios de transporte e os meios de comunicação. Vê-se nas imagens abaixo o interesse e a empolgação das crianças.



FOTOGRAFIA 3 - Atividade (jogo da memória) realizada durante a gincana educativa.
FONTE: Leidiclere Dantas de Abreu, 2010.

Cabe, aqui, reforçar a importância do Estágio Supervisionado em Docência, para que aconteça o contato real com as práticas pedagógicas, de forma que o discente estagiário possa analisar e criar alternativas mais ousadas na educação, sem separar a teoria da prática. Nesta perspectiva, buscou-se desenvolver com os alunos desde o primeiro dia de aula a dinâmica da *Árvore do Conhecimento*, na qual todos os dias após a realização das atividades entregava-se para os alunos um cartão em formato de frutinha para que os mesmos escrevessem o que a aula havia significado para eles, se haviam aprendido ou não os conteúdos, se sentiram dificuldades e o que realmente aprenderam. Em seguida, cada criança procurava o seu nome nos envelopes fixados na árvore e ali depositava sua frutinha como pode ser observada na imagem a seguir:



FOTOGRAFIA 4 - Árvore do Conhecimento trabalhada durante as aulas.
 FONTE : Leidiclere Dantas de Abreu, 2010.

Trabalhar com a Árvore do Conhecimento foi uma estratégia de avaliação muito importante, para verificar a aprendizagem dos alunos. A aplicação dessa dinâmica tornou-se também um instrumento de avaliação para o discente estagiário, pois a empolgação dos alunos e a aceitação das atividades propostas são reflexos de um planejamento que deu certo e servem de incentivo para a busca de novas estratégias no desenvolvimento das aulas. O depoimento a seguir, fortalece essa percepção, “os alunos sempre perguntavam se eu iria ler o que eles haviam escrito naquele dia, qual a frutinha do dia seguinte e até pediam para que fizesse diferentes frutinhas, pois queriam a árvore bem colorida” (DIÁRIO DE CAMPO, dia 25/08/2010). Mesmo com tanta euforia, emoção e às vezes muita pressa para escreverem nas frutinhas, pode ser observado em seus registros a confirmação de aprendizagem como também de crescimento pessoal, que contribuíram essencialmente à construção intelectual do sujeito. Como pode ser observado nas imagens que seguem:



FOTOGRAFIA 5 – Registros escritos dos alunos a partir dos conteúdos trabalhados na sala de aula.
 FONTE: Leidiclere Dantas de Abreu, 2010.

Nessa direção, mediar a relação entre teoria e prática como caminho à aprendizagem requer do professor além do planejamento, da construção de materiais didáticos, da elaboração de atividades mais dinâmicas, um olhar sobre as demais formas de organização do processo de ensino-aprendizagem.

Portanto, as reflexões desencadeadas neste estudo permitem repensar a prática desenvolvida na sala de aula durante o Estágio Supervisionado em Docência, principalmente, por se tratar da primeira experiência em sala de aula. Realiza-lo não foi somente uma atividade a ser cumprida como exigência para conclusão do curso. Foi também uma experiência de estudo, trabalho, planejamento e realização. Acredito ter me envolvido tanto que, no decorrer das atividades as crianças pediam para eu não fosse mais embora, que estavam gostando da forma como eu estava trabalhando os conteúdos, este gestos de carinho refletiam em mim como incentivadores para o desenvolvimento da minha prática, várias vezes me pegava questionando: Como trabalhar com essas crianças? Como fazer para que consigam entender os conteúdos ensinados? Como fazer com os que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem? Muitas foram as perguntas, mas com força de vontade fui planejando minhas

aulas procurando trabalhar essas dificuldades e a medida que os dias iam passando me identificava mais ainda com todos eles, percebi que tinham confiança no trabalho que estava desenvolvendo com eles dia a dia, aula a aula.

Acredito ter contribuído, mesmo que em curto prazo, para a construção do conhecimento desses alunos, quando a estes propus novas situações de aprendizagem que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento intelectual. Ao trabalhar os conteúdos de forma prática buscou-se aliar os novos conhecimentos aos já existentes, num processo de assimilação e acomodação fundamentado na teoria da Epistemologia Genética de Jean Piaget.

Sendo assim, esse estágio foi uma experiência única em minha vida, sem dúvida muito gratificante vivenciar cada minuto perto daquelas crianças, presenciar cada ato de simplicidade, de poder compartilhar seus medos, angústias, incertezas, certezas, alegrias, momentos de dificuldades e inclusive de aprendizagens.

Enfim, da minha primeira experiência de sala de aula, dos meus primeiros alunos, já sinto saudades!

CONCLUSÃO

Refletir sobre a teoria Psicogenética estudada por Jean Piaget, em meio à construção do conhecimento voltado para a aprendizagem no contexto da sala de aula, nos permitiu compreender e mais ainda conhecer importantes fatores, que relacionados à prática diária de sala de aula, contribuem essencialmente para uma efetiva construção e valorização do conhecimento humano, neste caso, da criança ainda em formação intelectual.

Este estudo nos possibilitou refletir também, sobre uma educação voltada para formação contínua do sujeito, desligada de preconceitos e modelos tradicionais de desenvolvimento, e articulada por uma avaliação formativa, baseados numa visão construtivista-interacionista que nos leva a compreender o homem em todos os seus aspectos psíquico, físico, emocional, e também como um ser que se constrói como sujeito cognitivo.

Conhecer o nível de pensamento de uma criança mediante a realização das atividades durante o Estágio Supervisionado em Docência, nos revelou a constatação já abordada nos estudos realizados por Jean Piaget, quanto à variação das habilidades e competências dos sujeitos marcadas por grandes dificuldades em meio à resolução das atividades. Nessa perspectiva, a experiência vivenciada neste período nos rendeu ainda mais estratégias e subsídios para a elaboração de novas e melhores possibilidades à construção do conhecimento, através de atividades mais objetivas e atraentes, as quais promoveram uma reflexão mais ativa do sujeito, mediada pela construção e reconstrução do pensar individual sobre a realidade.

Sendo assim, o sujeito constrói a sua inteligência e seus próprios conhecimentos, acomodando as novas informações com as existentes, relacionando-as e organizando-as através da interação entre o sujeito e o objeto (meio), mantendo uma relação de troca ao longo do desenvolvimento, sendo esta necessária para o avanço dos níveis subsequentes de pensamento, classificados por Piaget como estágios de desenvolvimentos.

REFERÊNCIAS

BAMPI, Maria Alice Moreira. **O método clínico experimental de Jean Piaget como referência para o conhecimento do pensamento infantil na avaliação psicopedagógica.** 2006. 104f. Dissertação (Mestrado em Psicopedagogia) – Programa de Pós-Graduação da Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

COLL, César; MARTÍ, Eduardo. **Aprendizagem e desenvolvimento: a concepção genético-cognitiva da aprendizagem.** IN: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, Jesús. **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação escolar.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CORSO, Luciana. Dificuldades de aprendizagem e educação Infantil. In: **Revista Pátio - Educação Infantil**, ano VI, n. 16, p.22-25, mar./jun. 2008.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria Schmitt. **O lúdico na educação infantil: jogar, brincar, uma forma de educar.** In: **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**, Vol. 1, n. 4, p. 107-112, jan./mar.2004.

DELVAL, Juan. **Introdução à prática do Método Clínico: descobrindo o pensamento das crianças.** Porto Alegre: Artmed, 1998. 267 p.

FONTANA, David, **Psicologia para professores.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

FONTANA, Roseli, **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo: Atual, 1997.

FONTES DOCUMENTAIS: **Diário de Campo**, Cajazeiras 23 de Agosto de 2010 a 17 de Setembro de 2010; **Portfólio** – Arquivo dos Planos de Aula e das Atividades realizadas no Estágio Supervisionado em Docência, Cajazeiras 23 de Agosto de 2010 a 17 de Setembro de 2010.

FURTH, Hans, G., **Piaget na sala de aula.** 2. ed. Rio de Janeiro: Florence Universitária, 1974.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre iniciação a pesquisa científica.** Campinas - SP: Alínea, 2001.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Reflexões sobre o estágio/ prática de ensino na formação**

de professores. In: Revista Diálogo Educ., Curitiba, v. 8, n. 23, p. 195-205, jan./abr. 2008.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa educacional: o prazer de conhecer.** 2. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

METZ, Maristela Cristina. Estágio supervisionado nos anos iniciais do ensino fundamental. Curitiba: Editora Fael, 2010.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia.** Tradução Editora Forense Universitária – Dirceu Accioly Lindoso e Rosa Maria Ribeiro da Silva. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

PIAGET, Jean, **O nascimento da inteligência na criança.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SANTOS, Jurandir dos. **História oral, fontes documentais e narrativas como recursos metodológicos na educação.** In: III Seminário de Educação: Memórias, Histórias e Formação de Professores. São Gonçalo, 2007. Disponível em: <<http://www.zonadigital.com.br/redes/adm2/bib/HIST%C3%93RIA%20ORAL,%20FONTES%20DOCUMENTAIS%20E%20NARRATIVAS%20COMO%20RECURSOS.pdf>>. Acesso em: 31 Out. 2010.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002.